

Apresentação:

Crimes contra as pessoas, crimes contra as propriedades, crimes de colarinho branco, fraudes, corrupção, delinqüência, tráfico, desemprego... as referências de performance criminais são complexas e antagônicas. No contexto atual, em face da definida violência urbana, as sociabilidades públicas e a vida privada conhecem sistematicamente novos constrangimentos pelo aumento da criminalidade transformando nossas concepções culturais sobre a insegurança e o medo. Dinamizam-se uma pluralidade de reações de proteção para uma rotina que imprima liberdade de ir e vir, estruturam-se uma avalanche de dispositivos maquinários que alimentam uma indústria que sofisticada o mercado contra a vulnerabilidade pessoal, etc. Uma discursividade generalizante sobre a insegurança divulgada predominantemente pela mídia, atribui causas e conseqüências da violência urbana. Esta concebe erros de uma economia neo-liberal e a necessidade lógica da desconfiança do "outro", do "estranho", em geral pobre e excluído. A civilidade não tem mais uma forma progressiva constante e as disformidades de um cotidiano marcado pelas ameaças e pelo sentimento do medo, associam a urbanidade e o hedonismo aos efeitos de uma crise mal aparada pelos vazios de sentido das ações democráticas.

No nível da ação do Estado e instituições públicas, confundem-se debates políticos com posturas ideológicas, atos sociais com defesa da sociedade contra indivíduos ameaçadores, decisões éticas com regras morais como ideais valorativos de uma sociedade que não encontra a face da responsabilidade no espelhamento das violências e conflitos sociais.

As ciências humanas compreendem que está em questão a noção de subjetividade, da objetividade da liberdade, da legalidade do direito contra o "indivíduo" que ameaça o bem estar de uma coletividade.

De um ato extremo por uma defesa social encontramos não raro o encaminhamento de instituições político-educacionais de perspectivas higienizadoras da mentalidade dita degradada. Em outra, a ciência divulga os pressupostos de uma sociedade de riscos vitimada pela complexa desigualdade social e irremediável divisão social do trabalho e do poder.

Neste processo a pesquisa social e antropológica, em especial, coloca a preocupação de desdramatizar as disposições morais desta cultura do medo que propaga limites de sociabilidades, engodos do mercado de segurança, segregação espacial, discriminação e desconfiança do outro.

Os artigos que apresentamos nesta edição buscam reconhecer na condição de crise as dinâmicas de transformação social superando sua referência ao progresso e atraso social. No jogar o social, como diria Georg Simmel para definir a sociedade, importa situar o esforço da produção de sentido que implique uma coletividade, que recoloca o urbano no social, transformando a defesa em ação por referências de valores de identidade, permitindo aos habitantes construir projetos, encadear trajetórias que os impliquem solidariamente, restituindo a confiança em sí.

Neste ínterim trazemos primeiramente o artigo intitulado "A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre",

onde se dispõe as experiências transgeracionais vividas e narradas pelos habitantes porto alegrenses. Segue o texto de Sandro Rillo intitulado "A cidade e os seus riscos: o viver de deficientes visuais em Porto Alegre", desenvolvido no âmbito da pesquisa sobre as crises nos enfrentamentos cotidianos que oriento no Núcleo de Antropologia Visual, sobre a experiência de habitantes com deficiência visual de viver na condição urbana de Porto Alegre. Já a temática das catástrofes naturais é discutida no artigo de Aline Graeff Buaes sob a ótica das narrativas das famílias atingidas, enfocando as experiências vividas a partir destes acidentes. Para o estudo, Aline faz uma pesquisa etnográfica na localidade de Águas Claras, município de Viamão, onde ocorreu em outubro de 2000 um princípio de ciclone que teve ampla repercussão tanto pelo rastro de destruição que deixou entre as moradias do local, quanto pela imprevisibilidade pela qual se caracterizou.

Os artigos que seguem foram produzidos no âmbito do projeto Biev no intuito de tratar do estudo da memória do cotidiano sob o enfoque da cultura do medo, face às situações de crise e violência no mundo contemporâneo, integrado a perspectiva do resgate da pluralidade e diversidade de memórias coletivas e da preservação do patrimônio etnológico do mundo urbano segundo os diferentes sujeitos sociais, com vistas a elaboração de ações culturais nas modernas cidades industriais que contemplem os lugares da memória de seus habitantes. Assim os artigos "Elipses temporais e o inesperado na pesquisa etnográfica sobre crise e medo na cidade de Porto Alegre" e "Imagens de violência e jogos perigosos, vulgarização da barbárie e projeções de cenas sociais?" mapeiam a complexidade da vida cotidiana no meio urbano, seu quadro de situações disruptivas e de desenraizamento coletivo, impasses que conduzem muitas vezes o pesquisador a dificuldades na forma de compreender os graus diversos de concretude que adquire a cultura do medo no mundo urbano contemporâneo, principalmente no caso brasileiro.

Problematizam como campo de investigação, portanto, a matriz macro de explicações da violência e crises urbanas, enquanto processo resultante da decadência dos vínculos sociais e de enraizamento da vida coletiva, a partir de estudos etnográficos e etnológicos no e do mundo urbano.

Cornelia Eckert